

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte A Crítica Class.: Amaz./Pesq Tesis Semin  
 Data 17/07/93 Pg.: 7 - Política 64

## Superficialidade aniquila Amazônia

O sociólogo Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto decidiu catucar, com vara curta, os calos da realidade amazônica. Deixou os quase 90 participantes do seminário "O Estado Democrático", organizado pela CNBB Norte I, no mínimo, com dor de cabeça. Um dos conferencistas do encontro, na noite da última quarta-feira, Renan falou sobre "Questões do Estado e da Sociedade Civil na Amazônia" e revelou um retrato caótico da Região. Em entrevista ao jornal A CRÍTICA, diz que a Amazônia entrou num processo de banalização e folclorização. Define a maioria dos políticos como primitiva e tosca e considera "trágica" a situação da Região. "Não se tem a capacidade de se auto-representar, de criar canais de representação institucional e de, inclusive, furar esse cerco que separa, brutalmente, essa região periférica do Brasil dinâmico, do Brasil que decide as coisas". Confira:

Ivânia vieira

**A CRÍTICA — O que é a banalização da Amazônia?**

Renan Freitas — É um processo que omite as questões fundamentais e produz uma imagem absolutamente superficial da Região. Por exemplo, a questão ambiental e a da preservação das nações indígenas. A maneira como elas são colocadas estão, muitas vezes, descoladas da verdadeira problemática ambiental e indígena. Há um movimento de emergência de lideranças indígenas que, inclusive, colocaa problemática de forma diferente dessa que é até mesmo apropriada pela mídia. O fato de se usar a Amazônia de forma panfletária ou publicitária é profundamente prejudicial e impede uma percepção correta ou mais real dos problemas da Região. Um outro erro é tratar a Amazônia como se ela tivesse uma existência autônoma. Isso não é verdade. A Amazônia, mesmo precariamente, faz parte de um projeto nacional. É essa precariedade que deve ser analisada.

**AC — O que falta fazer para**

superar essa visão, esse estágio?

RF — Essa realidade denuncia, em primeiro lugar, a ausência de uma força política. Na medida em que nós não temos um movimento sindical forte, uma imprensa combativa (a imprensa desempenharia um papel fundamental nesse processo, na produção de uma verdadeira interpretação da Amazônia) que não embarque nessa maneira de se tratar a Região, o processo é bem mais difícil e longo...

**AC — E os produtores de conhecimento, da ciência...eles têm cumprido seu papel?**

RF — A Universidade desempenharia um papel importantíssimo se produzisse uma discussão mais sistemática e ampla. Ela não desempenha o peso que deveria ter nessa questão. A linha editorial é um caminho, viabilizando a produção de cadernos que possam alimentar discussões e expandir informações.

**AC — O senhor usa, com frequência, os termos banalização e folclorização. Na sua análise eles cabem no mesmo espaço?**



Renan: A Amazônia é banal e folclórica

situação trágica...

RF — Olha, essa superficialidade com a qual as questões são tratadas é um processo autofágico. É trágico, do ponto de vista humano, uma sociedade não ter a capacidade de se auto-

RF — A banalização é citada como saturação. É o que acontece na própria Antropologia com relação ao índio. Existe um movimento dentro da Antropologia que está rejeitando trabalhar como índio, porque houve uma espécie de modismo, virou coqueluche. Da mesma maneira o ecologismo. Trata-se superficialmente essas questões, através de uma onda. Essa onda passa e os problemas permanecem. Na década de 70 se discutiu com radicalidade a Amazônia. Hoje, apenas banalizam-se os temas.

**AC — E a folclorização?**

RF — Esse processo atinge o nível político. Como é que nossos representantes são vistos? São vistos dessa forma, como folclore político do Brasil. A periferação amazônica se dá desse jeito: um tipo de político primitivo e tosco. Veja, por exemplo, figuras como Áureo Melo (senador) e Ézio Ferreira (deputado federal). Mas, não são só eles. Entramos na esfera perversa do folclore político pela porta do fundo.

**AC — O senhor coloca a sociedade amazônica dentro de uma**

representar, de criar canais de representação institucional ou furar o cerco que separa, brutalmente, a nossa região do Brasil dinâmico, do Brasil que decide as coisas. É preciso transformar a cultura política de modo a nos distanciarmos dessa condição folclórica a qual estamos vinculados. Temos a política como uma expressão de cultura.

**AC — Não há uma organização autônoma, oriunda da base?**

RF — O clientelismo, praticado em larga escala na região, substitui essa organização. Ele tem efeitos nefastos. Os procedimentos clientelistas substituem os procedimentos políticos e se fixam como política, constituindo-se num imenso acervo de estratégias que vão redundar, numa próxima eleição, em uma situação extremamente difícil para qualquer força política que queira se confrontar com a máquina que é montada em torno dessas técnicas. Caberá aos movimentos populares e ao pensamento político mais crítico, fazerem um combate ao populismo e, inclusive, encontrarem os meios práticos para realisar isso.